

Histórias que as palavras contam

1º colóquio da lusofonia 2002

Carlos Alberto C. Afonso

Escola Superior de Educação de Portalegre

Todas as palavras têm uma História. Nascem, vivem, evoluem. Algumas morrem. Muitas são adotadas de outras línguas.

Nesse processo de adoção e de integração no nosso léxico, perde-se, em grande parte dessas palavras, a raiz etimológica, não sendo raros os casos em que o significado que hoje lhes atribuímos se afastam dessa raiz.

É evidente que esse afastamento se justifica com as características de um “organismo vivo”, como é a nossa língua. Mas até que ponto é aceitável perder-se uma ligação etimológica que enquadra a própria evolução linguística e ajuda a compreender o significado de cada palavra? A partir de um conjunto de palavras de origem estrangeira utilizadas em Português, sobretudo oriundas da Língua Inglesa, pretende-se discutir a sua raiz etimológica e evolução, tendo em vista, sobretudo o modo como a nossa língua as adotou.

Discutem-se, também, de um ponto de vista não especializado, alguns casos polémicos na relação significado-significante e grafia-pronúncia.

O que une a comunidade lusófona, e que constitui, mesmo, a razão de ser para a sua existência, é, sem dúvida, o facto de todos falarmos a mesma língua. Mas será que, de facto, falamos todos a mesma língua? Será, talvez, mais apropriado dizer, não que falamos a mesma língua, mas que cada um dos povos da comunidade fala uma língua com uma origem comum a todos os outros, mas diferente de cada uma delas.

É verdade que “em Português nos entendemos”, mas cada um de nós fala um Português diferente – a não ser assim, não haveria necessidade, como me dizem que acontece, que, por exemplo, uma audiência constituída maioritariamente por brasileiros tenha que usar tradução simultânea quando um português usa da palavra...

Haverá, então, uma matriz, um padrão que contenha em si os traços identificativos daquilo que é comum a todos nós? E será legítimo considerar que só essa matriz é que é Português?

Duas perguntas para duas respostas diferentes: afirmativa para a primeira, isto é, existe, de facto, uma matriz que identifica todos os nossos “Portugueses” como Português; negativa para a segunda, ou seja, que não é legítimo, longe disso, considerar que só essa matriz é que é Português.

Deixo para os especialistas a tarefa de apelarem à diversidade dos fenómenos que explicam o nascimento e a evolução de uma língua, de cada um dos “Portugueses” que falamos. Eles são, parece-me, **científicos**, isto é sobretudo linguísticos, **históricos**, isto é sobretudo os que explicam como o contacto entre os povos se iniciou e como evoluiu, e **culturais**, isto é sobretudo os que derivam da riqueza dos contributos locais e autóctones, mas também do contacto com outras culturas e outras línguas. Mas também podem ser **políticos**, **económicos**, **sociais**... Como veem, é uma tarefa demasiado complicada para ser devidamente abordada aqui e agora – sobretudo por mim, que não sou especialista em nenhuma das áreas.

Parafraseando Mia Couto, legítimo representante de um dos registos da nossa língua comum, “venho aqui brincar no Português, a língua. Essa que dá gosto a gente namorar e que nos faz a nós,

moçambicanos, ficamos mais Moçambique” (Couto, 2001) ou, permito-me alterar, que nos faz a nós, comunidade lusófona, ficamos mais comunidade...

Limito-me, pois, neste “gosto da palavra, o mesmo que a asa sente aquando o voo” (id.)- as palavras continuam a ser de Mia Couto - , a fazer a constatação de que, falando todos Português, falamos um Português diferente.

E falamos todos Português porque temos a tal matriz comum que, depois, é enriquecida pela ocorrência dos tais fenómenos de que falava há pouco e que, por conseguinte, a modificam. E qual é, então, a nossa matriz comum? É um código linguístico que deriva do Indo-Europeu, do ramo Românico, constituído como *corpus* neste minúsculo retângulo à beira-mar, de onde derivou para outras partes do mundo. Como língua românica, o Português sofre, por definição, uma forte influência do Latim. Mas, seja na variante europeia ou africana, ou americana, foi incorporando outros contributos, de outras culturas, que fizeram dele a língua que cada um de nós hoje fala.

E é, precisamente, o contributo da cultura anglo-saxónica no Português atual que me leva a partilhar convosco as reflexões que apresento de seguida.

Cientificamente chamados de “estrangeirismos”, os vocábulos que entram no *corpus* de uma língua vindos de uma outra língua, transformam-se, mais ou menos rapidamente, em vocábulos que perfilhamos e de cuja origem, não raro, perdemos a noção. Vou apresentar-vos três exemplos, que correspondem à influência de outros tantos fenómenos, de três vocábulos ou expressões que todos os “Portugueses” adotaram e incorporaram no seu dia-a-dia.

1. Futebol – uma palavra “coxa”

Quem, hoje, tem consciência de que a palavra **futebol** é um estrangeirismo? Em todos os cantos onde se fala Português, se usa o vocábulo. Teremos, no entanto, a noção de que, paradoxal e nada apropriadamente, se trata de um vocábulo “coxo”?

Como se sabe, **futebol** designa um jogo, em que duas equipas de onze jogadores disputam uma bola, usando os pés, com o objetivo de a introduzir na baliza adversária. Trata-se de uma deturpação do Inglês *football*, em que *foot* significa pé e *ball* significa bola.

Quase todas as línguas adotaram a designação proveniente da origem britânica da palavra, embora algumas a tenham adaptado ao seu idioma. Em castelhano, por exemplo, o jogo designa-se, muitas vezes, por *balonpié*, e em alemão *Fussball* (de *Fuss*, pé, e *Ball*, bola).

Já em italiano, o jogo designa-se por *calcio*, ou seja pontapé, criando-se, assim, uma palavra nova, que tem pouco que ver com a palavra original inglesa, a não ser à alusão implícita a pé, mas que tem o mérito de transmitir a mesma ideia através de uma palavra totalmente original.

Em português, optou-se por deturpar a palavra inglesa, adaptando apenas a grafia, perdendo-se, neste processo, a raiz original. Ou seja, nem se utiliza uma palavra portuguesa que transponha para a nossa língua a ideia original, como fazem espanhóis e alemães, nem se usa o original. Aliás, o mesmo se passa com outros desportos, como andebol (de *hand*, mão, e *ball*, bola), ou basquetebol (de *basket*, cesto e *ball*). O “problema” resolve-se no uso da língua, já que o jogo é, muitas vezes, designado, em linguagem popular por bola, como na expressão, “Vamos à bola!”

Curioso é o caso do inglês americano, em que *football* designa um jogo que constitui uma mistura, porventura mais musculada, como, geralmente, acontece na transposição de alguns desportos para os Estados Unidos, entre futebol e **râguebi**. Por isso, se distingue entre *football* e *soccer*. Este

último, deriva da expressão *Football Association*, constituindo, assim, uma abreviatura sincopada de *asSOciation*. Já agora, *Football Association* foi uma associação criada na Inglaterra, no final do século XIX, com o objetivo de definir as regras do futebol que, até então, e desde o seu nascimento como jogo, vivia uma fase de grande confusão e falta de regras bem definidas - qualquer jogador podia, por exemplo, jogar a bola com a mão (como faziam em Rugby). Muitas das regras então impostas por aquela Associação são as que se mantêm ainda hoje. Aliás, a entidade que regulamenta o futebol na Inglaterra continua a ser a *Football Association*. Para distinguir o jogo que obedece às regras definidas por esta associação, passou-se a chamar-se-lhe *soccer*. E aqui está um fenómeno linguístico em operação: a metonímia. Esse mesmo fenómeno está presente na própria designação original do jogo, em Inglês, uma vez que *football* designa a bola que se joga com o pé e passou a designar o jogo que se joga com tal objeto.

Ou seja, neste caso concreto e, igualmente, no caso de outros vocábulos e expressões ligados a este desporto – como *golo*, *penálti*, *chutar*... – deu-se um “aportuguesamento” dos vocábulos, não tendo eles vida própria fora do respetivo contexto.

Parece-me que, no caso de *futebol*, todos escrevemos do mesmo modo, embora o possamos pronunciar de modo distinto.

2. Um bife de soja?!

A história das designações utilizadas na língua inglesa para referir as diversas carnes de consumo humano é das mais curiosas e interessantes. E conta-se em poucas palavras.

Acontece que a Inglaterra foi invadida no século onze pelos Normandos, povo vindo do Norte de França, e cujo chefe, Guilherme da Normandia, foi, após a conquista da ilha, entronado como chefe também da então Inglaterra, ou terra dos Anglos. Como sempre sucede nestes casos, os conquistadores passaram, naturalmente, à categoria de senhores, enquanto a maioria dos conquistados era remetida a um papel de servidão. Ora, os senhores, de origem francesa, recordemo-lo, quando entendiam que era chegada a hora de tomarem a sua refeição, ordenavam aos servos, Ingleses, tenhamos em conta, que lhes preparassem o banquete. E então os servos escolhiam o animal que haveriam de preparar e cozinhar para levar à mesa dos seus amos. Para eles, servos e Ingleses, aquele animal de cauda pequena e retorcida e narinas avantajadas, que gostava de chafurdar na porcaria, era um *pig*. O problema é que para os senhores, Franceses, o mesmo animal, já preparada e pronto a comer que chegava à sua mesa era, nem mais nem menos, do que um *porc*, designação que lhes chegara do Latim *porcus*. Sucedia, portanto, esta coisa curiosa de a mesma criatura ter duas designações: uma para o animal vivo (*pig*), como era conhecida pelos Ingleses, e outra para o animal morto (*porc*), ou seja a respetiva carne, como era usada pelos Franceses... Esta distinção subsistiu e existe ainda hoje no Inglês. Não se espere, pois, que um Inglês diga, olhando para um porco na pocilga, *What a fine pork!* (*Que belo porco!*); ele dirá, isso sim, *What a fine pig!* Já num restaurante em Inglaterra, ninguém espere encontrar no menu, “*roasted pig*” (“*porco assado*”), porque o que encontrará é, sim “*roasted pork*”...

E o que sucedeu ao pobre suíno, foi a sorte de outros animais usados no consumo humano. Para os Ingleses *veal* (*vitela*), para os Franceses *veau*; para os Ingleses *sheep* (*carneiro*), para os Franceses *mutton*, e por aí adiante. Do Francês transferiram-se, ainda, para o Inglês, nesta área vocabular, *loin* (de *loigne*), *lombo*, *sausage* (de *saussiche*), *salsicha* ou *chouriço* e outras. Nem todos os animais de consumo humano, no entanto, sofrem deste problema de dupla identidade, desconhecendo-se a razão.

O caso mais curioso, no entanto, até pelas implicações que tem na nossa língua é o da palavra inglesa *beef*. Esta tem origem no Francês *boeuf* e designa carne de animal vacuum. É um caso de dupla identidade: aquilo que para Ingleses era *cow* (*vaca*) ou *ox* (*boi*), para os Franceses, era *boeuf*. Assim sendo, *beef* não designa um pedaço de carne de determinada parte do corpo do animal apropriado para grelhar ou fritar inteiro, mas quer dizer, simplesmente, “carne de vaca”.

Foi esta confusão que deu origem ao nosso **bife**. Para nós um *bife* é, de facto, um pedaço de carne grelhado ou frito, indistintamente do animal de onde sai – apesar de o Dicionário da Academia das Ciências registar a palavra como designando uma “fatia de carne de bovino, que se serve grelhada ou frita...”, referindo-se à sua origem etimológica como derivando “do ingl. ‘carne de vaca’”. O que é certo é que utilizamos *bife* no sentido mais lato, acima descrito. Temos, assim, *bifes* de vaca, o que constitui um pleonasma, mas temos também, o que constitui uma grande asneira, *bifes* de peru, *bifes* de porco e, até, *bifes* de atum. Mas a maior incongruência, neste particular, até pelo desrespeito pelos princípios seguidos pelos vegetarianos, é a existência, calcule-se, de *bifes* de soja!

Acontece, ainda, uma outra curiosidade à volta do bife e que demonstra bem as voltas que, por vezes, as palavras levam. É que os Ingleses usam o vocábulo *steak* para designar aquilo a que nós chamamos, impropriamente, *bife*. Temos, assim, um *porksteak*, ou *bife de porco* ou *beefsteak*, *bife de vaca*. Ora, os Franceses utilizam hoje *bifteck* com o mesmo significado de *beefsteak* - trata-se, aliás, de uma evidente deturpação da expressão original. Em França se utiliza, também, *rosbif*, que deriva do Inglês *roastbeef* – e que nós em Português designamos de *rosbife*. Ou seja, tendo sido os *Franceses*, mais propriamente os Normandos, a “ensinar” aos Ingleses a palavra *boeuf*, que estes últimos adaptaram para *beef*, foram, depois, os Ingleses a introduzir no léxico francês o vocábulo *bifteck*, o qual tem, na sua raiz, a mesma palavra que os *Franceses* levaram para Inglaterra...

3. Os mass media – ou um caso de dupla identidade

Ora aqui está uma expressão que anda, literalmente, nas bocas do mundo, sendo, muitas vezes, usada abreviadamente como **[os] media**.

A expressão, propriamente dita, foi vulgarizada na Língua Inglesa, a qual a foi buscar, sem dúvida, ao Latim. Esta circunstância levanta uma série de questões, nem sempre pacíficas. Uma delas diz respeito à etimologia da própria expressão. O Dicionário da Academia das Ciências atribui a etimologia da expressão à língua Inglesa: na entrada respetiva a referência etimológica é descrita como derivando “(...) (Do ingl. <mass> *media* ‘meios de comunicação de massas’, do lat. *media* ‘meios’”). Ora, se não há dúvidas de que *mass*, deriva do Latim *massa/ae*, que significa *conjunto*, já a origem de *media* não é tão clara. Na verdade, em Latim existem os vocábulos *medium/ii*, como substantivo, significando *meio*, *centro*, *lugar central*, *lugar público*, *bem comum de interesse geral*, ou *medius/a/um*, como adjetivo, aqui tomando o significado de *o que está no centro*, *central*, ou *intermediário*. Nos dicionários consultados, não se encontra nenhuma referência à existência, em Latim, de *media* com o significado de ‘meios’, isto é, instrumentos, recursos. Porém, o Dicionário da Academia regista, assim o vocábulo meio:

Meio (...) *s.m.* (Do lat. *medium*) “(...) 9. Recursos empregues para alcançar um objetivo. ~_ Expediente, método (...) 11. Aquilo que exerce uma função intermediária na realização de alguma coisa. ~_ Via (...) meios de comunicação (...) meios de comunicação social, veículos de difusão de informação à opinião pública”

Nesta aceção, independentemente do significado final, *medium* é sempre entendido como constituindo a origem etimológica de *meios*. Deve registar-se, no entanto, que qualquer recurso que se

utilize “para alcançar um objetivo” (definição 9. acima) é, nem mais nem menos, do que um intermediário, isto é, “exerce uma função intermediária” (definição 11. acima) entre o que se pretende fazer e o que se faz – se eu quero transmitir aquilo que escrevi utilizo a minha voz, ou um acetato, *como meios* para o fazer.

No mesmo sentido, o Larousse (1988) regista **media** como “*n. m. (amér. mass media, intermediaires de masses) (...)*”.

Ou seja, a expressão **mass media**, significará, à letra, *aquilo que serve de intermediário* entre a mensagem e o público, constituindo, assim, *o canal de comunicação* que transporta a mensagem entre o emissor e o recetor (o público, ou as *massas*) – cf. definições do Dicionário da Academia e do Larousse. Sendo assim, a origem etimológica de **media** deverá, parece-me, situar-se na forma neutra de **medius**, isto é, *medium*, e não em *medium/ii* (cf. acima). Não será, pois, legítimo considerar que a expressão significa algo como “(conjunto de) meios de (comunicação de) massas”.

A outra questão a esclarecer diz respeito ao modo como deve ser pronunciada a expressão. Uma vez que ela chega ao nosso vocabulário através do Inglês – como reconhecem quer o Dicionário da Academia, quer o Larousse, quer o próprio Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa (Machado, 1977) - devemos utilizar a pronúncia inglesa, isto é [mæss/mass mídia]? Ou, apesar disso, o que conta para nós é que a expressão se forma a partir de dois vocábulos latinos e, portanto, não é legítimo utilizar a pronúncia inglesa, antes se devendo usar a “portuguesa”, como reflexo direto da influência latina? Para responder a esta dúvida, analisemos, com um pouco mais de detalhe a composição da expressão. Na língua Inglesa existem os dois vocábulos, *mass* e *medium*. O primeiro designa, entre outros, um conjunto grande de objetos ou de pessoas, dele derivando o adjetivo *massive*, como significado de *impressionante, invulgarmente grande*; não há dúvidas, também, que o vocábulo deriva do Latim, como se explicita acima – apesar de, ao que parece, o Latim o ter ido buscar ao Grego *maza*. Por sua vez, a palavra *medium*, em Inglês significa, entre outras coisas, *peessoa que comunica com os espíritos*, isto é, *intermediário* entre o mundo dos vivos e o dos mortos, bem como outras formas de intermediação, ou, no plural *media* [mídia], *meios usados para comunicar* alguma coisa; igualmente, não há dúvidas de que o vocábulo deriva do Latim.

Por seu lado, em Português também se usa o vocábulo massa ou massas, para significar um *conjunto grande de pessoas* – como na expressão “grande massa de gente”, ou “falar às massas”. Existe, também, meio, para, entre outros significados, designar *instrumento* ou *forma de*, ou *através de* – como nas expressões “enganar alguém *por meio de* um estratagema”, ou “o computador é um *meio de* comunicação”.

Assim, por forma a designar em Português o conjunto de *meios* utilizados para alcançar um *grande número de pessoas* (ou *massa(s)*), deveríamos dizer, para manter a construção e estruturas frásicas da nossa Língua, *media massa* e não **mass media**. É que esta última estrutura é tipicamente inglesa ou anglo-saxónica, com a inversão da ordem que nós consideramos natural: em expressões compostas, como é o caso, a Língua Inglesa coloca em segundo lugar aquilo que nós, em Português, dizemos em primeiro lugar e vice-versa – atente-se, a título de comparação e de exemplo, nas expressões *goal keeper*, que significa “guarda (*keeper*)-redes (*goal*)”, ou *passenger train*, isto é “comboio (*train*) de passageiros (*passenger*)”.

Em suma, se é verdade que cada um dos componentes da expressão **mass media**, deriva de vocábulos latinos, e, por essa circunstância, se deveria utilizar a pronúncia portuguesa, também não deixa

de ser verdade que a expressão, no seu conjunto, é de origem inglesa. Ela surge no vocabulário de variadíssimas línguas mundiais, incluindo o Português, por empréstimo da Língua Inglesa, tratando-se, por conseguinte, de um *estrangueirismo*, na maioria dessas línguas. Ora, se nas línguas românicas, com origem direta no Latim, se deverá usar a pronúncia “latina”, nas outras línguas, admite-se que a pronúncia utilizada seja a inglesa. No nosso caso específico, deverá, pois, pronunciar-se como se escreve – mass media – apesar de tal constituir, por assim, dizer, um “aportuguesamento” da expressão – sublinha-se, da expressão como um todo, e não de cada um dos seus componentes. Se se utilizar, apenas, um dos componentes da expressão, como muitas vezes se faz, dizendo-se “os media”, para designar os *meios* (de comunicação social), então, aí, não deve haver dúvidas em dizer como se escreve, e não como se diz em Inglês, isto é [midia].

Reconheço que não é pacífica a forma como acabei de apresentar a questão. É que há dois fundamentalismos aqui, que eu procurei evitar: o dos puristas que defendem que sendo a expressão constituída por dois vocábulos de origem latina, se deverá dizer sempre mass media. A isto respondem os mais cosmopolitas, digamos assim, com o argumento de que foram os Ingleses que inventaram a expressão e que, portanto, se deverá dizer [mass *midia*]. Marques (2001), por exemplo, é perentório na defesa da pronúncia “latina”, acusando os que defendem a pronúncia “inglesa” de ignorantes ou snobs... (Marques, 2001: 34-35).

Acabei de apresentar três exemplos de vocábulos ou expressões que foram incorporados na língua Portuguesa, vindos do Inglês. Foram, como vimos, sujeitos a um processo de “aportuguesamento”, com diferentes efeitos. No caso de *futebol*, perdeu-se qualquer ligação etimológica ao vocábulo original. Em *bife*, aconteceu uma completa adulteração da origem etimológica e da justificação histórica para o surgimento da palavra. Em *mass media*, o “aportuguesamento” também aconteceu, mas, vá lá, manteve-se a grafia e a origem etimológica. Como explicar, então, que no Brasil não só se diga mas se escreva *midia*? Neste caso, tal como no caso em que se opta pela pronúncia Inglesa, estamos em presença da emergência de um dos outros fenómenos de que falava no início: são as influências culturais, fruto do contacto com a cultura inglesa e americana, que o *exigem*... O que se faz no Português do Brasil com *media* é, assim, o que se faz no Português europeu e nas outras variantes, além de outras línguas, em relação a *futebol*: utiliza-se um vocábulo cuja grafia e pronúncia foram adaptados, nesse processo se perdendo a respetiva raiz etimológica.

Pode a Língua Portuguesa, que todos falamos, alguma vez combater a força da cultura anglo-saxónica e “proteger-se” da “intrusão” de vocábulos ou expressões como os que apresentei? A questão será tanto mais pertinente num momento em que parece que caminhamos para uma globalização acelerada e, tantas vezes, “cega” e em que, neste como noutros domínios, não conseguimos resistir à força das manifestações culturais da cultura anglo-saxónica - no cinema, na música, etc.

A dimensão da nossa comunidade, no entanto, talvez justificasse um esforço mais consistente na defesa do património linguístico, de cuja manutenção e enriquecimento, todos somos responsáveis.

Termino, recorrendo, uma vez mais a Mia Couto, que, interrogando-se sobre quantas são as dimensões da vida: “Meu desejo é desalisar a linguagem, colocando nela as quantas dimensões da vida. E quantas são? Se a vida tem é idimensões (...)” (id.), afirma: “a língua que quero é essa que perde função e se torna carícia. Assim, embarco nesse gozo de ver como escrita e o mundo mutuamente se desobedecem...” (id.)

Bibliografia

Couto, Mía (2001), in Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa, 2001. Lisboa: Editorial Verbo

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea – Academia das Ciências de Lisboa, 2001. Lisboa: Editorial Verbo

Ferreira, A. G. (s/d), Dicionário de Latim-Português. Porto: Porto Editora

Langenscheidts Taschenwörterbuch – Zweiter Teil – Deutsch-Portugiesisch, 1969. Langenscheidt.

Larousse – Dictionnaire de la Langue Française – Lexis, 1988. Paris: Larousse.

Longman Dictionary of Contemporary English, 2001. Pearson Education

Machado, J. P. (1977), Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa. Lisboa: Livros Horizonte.

Marques, A. (2001), Tenta na Língua!... – gralhas que por aí grasnam... erros que por aí grassam, Lisboa: Plátano.

Petit Larousse Illustré, 1979. Paris: Larousse

Sykes, J. B. (Ed.) (1976), The Concise Oxford Dictionary. Oxford: Oxford University Press

Webster's Encyclopaedic Unabridged Dictionary of the English Language, 1978. New York: Gramery Books.